



A experiência de formação em agroecologia com o Coletivo da Juventude do MST no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio

Juliana Cristina de Mello¹, Jaqueline Mendes², Ana Cristina Hammel³.

Resumo: Este trabalho sistematiza parte da experiência da juventude camponesa Sem Terra e os desafios da formação em agroecologia desde a auto-organização. É resultado de uma pesquisa qualitativa, seguida de procedimentos de observação participante, entrevistas semi-estruturadas, e roda de conversa com o Coletivo da Juventude do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, em Rio Bonito do Iguazu - Paraná. Os jovens, em condições de acampados da reforma agrária e a partir da necessidade suscitada nesse espaço, associado ao debate e a formação entorno da agroecologia, criam por meio da auto-organização possibilidades de avançar na reflexão sobre o papel da juventude organizada na luta pela terra e pela participação na construção de outros formatos de organização social nos espaços conquistados.

Palavras-chave: Juventude Camponesa; Agroecologia; Auto-Organização.

Introdução

Atualmente observa-se uma crescente demanda de estudos relacionados à juventude, buscando compreender, a partir de diferentes sujeitos, suas contribuições social, econômica, ecológica, política ou outros aspectos ligados a suas formas de vida.

Para Wanderlei (2011) a definição de juventude pode ser percebida de formas bastante distintas. No caso de dados estatísticos, orienta-se pela faixa etária, já para os movimentos sindicais, parte-se de outras questões, como estes indivíduos inserem-se no contexto social. Para a autora, o que parece prevalecer, é que a juventude é o período entre a infância e a fase adulta, que apesar de não assumir em sua plenitude todas as responsabilidades profissionais e de organização familiar, são sujeitos conhecedores e construtores de sua realidade (WANDERLEI, 2011).

Conforme já abordado, o tema em questão pode ser analisado a partir de diferentes

¹Graduada no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas - Licenciatura, pela Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, campus Laranjeiras do Sul.

²Bacharela em Agronomia pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim.

³Doutora em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, campus Marechal Cândido Rondon, Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas - Licenciatura, campus Laranjeiras do Sul.



contextos, neste caso, as reflexões possuem como base a juventude rural camponesa, sendo essa marcada por características específicas do campo brasileiro, atravessado pela questão agrária e pelo modo de vida na unidade familiar (WANDERLEY, 2011).

Ao passo que o espaço rural vai sofrendo mudanças, naturalmente alteram-se as relações estabelecidas. Com as transformações do modelo produtivo no campo a partir da Revolução Verde e expansão do sistema capitalista na agricultura, os vínculos entre as/os jovens e o meio em que estão inseridos sofrem constantes metamorfoses.

Partindo das análises já abordadas, identifica-se que a juventude é uma fase onde os indivíduos se descobrem como atores capazes de transformar a realidade. Evidentemente, em um modelo produtivista, repleto de exploração de bens e serviços, a juventude acabaria buscando nas contradições, formas de superá-las e estabelecer vínculos mais justos e saudáveis. Assim, vê-se nas práticas agroecológicas a possibilidade de construção não só de uma outra matriz produtiva, mas de enfrentamentos e mudanças no modo de vida pré estabelecido.

A agroecologia é um processo de construção de outro sistema político e produtivo, em oposição ao agronegócio, e, ainda que parta de uma dimensão técnica, incorpora elementos sociais (GUHUR, TONÁ, 2012). Para que as/os jovens se constituam como lutadoras/es e construtoras/es deste novo projeto de sociedade, é necessário refletir sobre as dificuldades que encontram-se no enraizamento da participação da juventude organizada em experiências concretas de agroecologia, assim como, sobre os desafios da formação nesta área.

Nos marcos deste debate, este trabalho propõe-se olhar para os desafios da formação em agroecologia com a juventude camponesa a partir de uma experiência singular de auto-organização da juventude do Movimento Sem Terra (MST). A experiência é do Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de de Maio, em Rio Bonito do Iguçu, estado do Paraná. O problema de pesquisa que instigou a elaboração deste trabalho foi: “Quais são os desafios da formação em agroecologia na experiência de auto-organização da juventude do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio?”.

Tal inquietação, surge da percepção da existência de uma lacuna nos estudos que



relacionem às temáticas juventude e agroecologia. Essa circunstância pode ser explicada pela pesquisa de Bieger, et al. (2020), onde afirma-se que as produções científicas acerca das temáticas juventude e agroecologia, revelam que embora seja um campo em investigação em ascensão, possui limitações.

Justificativa e Referencial Teórico

Pensar a agroecologia em conexão com a juventude camponesa significa pensar o papel que as práticas agroecológicas podem assumir na formação desses sujeitos e na interação com os processos produtivos dentro dos territórios onde vivem. Neste sentido, a agroecologia assume um papel pedagógico na medida em que se conecta com o modo de vida e com a reflexão sobre as ações do ser humano na terra (CALDART, 2020)

De acordo com Caldart (2020, p.5), "[...] quando se entende a agroecologia como um componente essencial da resistência e do fortalecimento e expansão dos territórios camponeses. E estes processos de luta e construção põem os conteúdos essenciais da luta". Na experiência vivenciada pelo Coletivo de Juventude do MST, expressa possibilidades de avanços na medida que envolve as/os jovens em situações concretas que exigem delas/es se posicionarem sobre as condições materiais de sua existência. Ao mesmo tempo é necessário reconhecer que existem dificuldades na constituição desses/as jovens camponeses/as como sujeitos organizativos, desde a esfera da família, comunidade e organizações mais amplas, isso porque são tratados sob uma ótica hierarquizada.

Parte desta leitura, pode ser interpretada pelas visões que remetem de forma pejorativa a capacidade dos mesmos. Como afirma Castro (2009, p. 205), “jovem, como categoria, carrega o “peso” da transitoriedade e, portanto, é tratado como categoria social sobre a qual se deve atuar e não percebida através das formas em que se configura como ator social”. Para Groppo (2000), a juventude é um momento crucial da vida, em que os sujeitos adquirem um fundo de experiências sociais que pela primeira vez na vida são conscientemente recebidas, formando um quadro de referências que se tornarão base sobre a



qual futuras experiências sociais serão avaliadas pelo indivíduo.

Um recurso fundamental na formação da juventude, enfatizado pelo MST, é a auto-organização. Para tanto é necessário o exercício coletivo e autônomo de aprender a ser protagonistas pela efetiva participação em práticas sociais que exijam esse protagonismo, ao mesmo tempo que implica em aprender a subordinar-se ativamente a um coletivo (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2016). Assim, no exercício da auto-organização se estabelece um importante elo para a inserção da juventude em processos concretos sincronizados as estratégias do MST, com perspectivas de que a juventude se aproprie de aprendizados sobre a sua atuação nesta organização coletiva mais ampla e a mesma possa aprender a considerar esses sujeitos reconhecendo as suas especificidades e o papel fundamental que desempenham para transformação das relações e dos sistemas agroalimentares

Metodologia

A pesquisa foi realizada no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, em Rio Bonito do Iguaçu, no estado do Paraná. O acampamento foi organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com o intuito de garantir a essas famílias o acesso à terra através da reforma agrária, sendo que em julho de 2014 este contava com 1500 famílias acampadas (CEZIMBRA et al., 2017).

Esse trabalho possui natureza qualitativa, seguido dos procedimentos de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Contou-se também com observação participante, a partir do envolvimento de uma das autoras com a experiência do Coletivo de Juventude do acampamento. Neste processo, a pesquisa documental realizada é sobre um material sistematizado pelas/os jovens, com o objetivo de apresentar a experiência de produção agroecológica e seus aprendizados, na 16ª Jornada de Agroecologia, que ocorreu no município da Lapa, no Paraná. O material é uma apresentação em powerpoint, com imagens e textos, produzido no ano de 2017, em uma roda de conversa realizada no acampamento, nos dias anteriores à edição do evento.



Para aprofundar os dados trazidos nesta pesquisa documental, no primeiro semestre do ano de 2019 realizou-se outro procedimento de pesquisa de campo, apoiando-se na metodologia de roda de conversa, com objetivo de realizar um levantamento sobre outras ações realizadas pelo coletivo, com o viés da agroecologia. A roda de conversa ocorreu no dia 13 de março de 2019. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 05 jovens ao decorrer do semestre. Destes, 03 homens e 02 mulheres, com idade de 15 à 23 anos, todos residentes no acampamento. As entrevistas foram gravadas e transcritas, visando explorar as impressões das/os jovens sobre as atividades que participaram e construíram na dimensão da agroecologia.

Resultados e Discussões

O Coletivo de Juventude em questão, em vigência entre os anos de 2014 e 2019, envolveu uma diversidade significativa de ações, para além das diretamente vinculadas à produção agroecológica, em especial, nas dimensões culturais, políticas e organizativas. Porém, este trabalho se propõe a um recorte, que evidentemente, não anula a necessidade de menções necessárias ao processo como um todo.

A concepção de formação dentro do MST está estritamente vinculada aos processos práticos desenvolvidos no cotidiano dos sujeitos que encontram-se em luta. Ressalta-se a relação entre educação e produção dentro do Movimento, compreendendo essa mediação por meio do trabalho, que o torna sujeito de práxis (CALDART, 2015). Sendo assim, o processo de constituição da experiência do Coletivo de Juventude com a agroecologia abrange a participação das/os jovens em espaços sistemáticos de formação oferecidos pelo MST, dentro e fora do acampamento, e, na experiência de agrofloresta comunitária desenvolvida com participação expressiva dos mesmos.

No aspecto da formação, além de atividades para o público em geral, houveram atividades específicas voltadas para a juventude que, neste caso, contaram também, em certa medida, com os esforços das/os próprias/os jovens para que fossem organizadas, a partir das



demandas que a prática suscitou. Pode-se evidenciar, um movimento auto-organização destes/as jovens referente a responsabilização de seu próprio processo de formação.

Em relação aos espaços externos de formação, anualmente ocorria a organização de cursos voltados para o público jovem. Nestes cursos, o tema da agroecologia e da cooperação agrícola, sempre estava presente, como componente do programa de formação do MST com sua juventude. Foram realizadas as seguintes formações: Escola Regional da Juventude (2015 - 2016 - 3ª turma/2017 - 4ª turma); Curso da Juventude da Região Sul do Brasil (Janeiro e fevereiro - 2015, 2016, 2018, 2019); Formação em agroecologia e cooperação: foram realizadas oficinas práticas e teóricas, debates, seminários, intercâmbios e jogos (todos os anos); Jornada de Agroecologia (todos os anos); Feira Regional de Agroecologia (todos os anos); Seminário Regional de Agroecologia (2018).

A agrofloresta foi uma das primeiras práticas em agroecologia que surgiu no acampamento. Ela foi construída ao lado das estruturas comunitárias e tinha como objetivo servir como referência para as demais iniciativas de agroecologia que fossem surgir posteriormente. Nela tinha-se o cultivo de árvores frutíferas diversas, grãos, hortaliças, legumes, bananas, e mandiocas. Os produtos cultivados geraram renda para atividades políticas e foram utilizados na alimentação escolar (MELLO, FINATTO, EDUARDO, 2020). Neste espaço, ocorreu parte das oficinas técnicas realizadas com o Coletivo de Juventude, voltadas ao manejo de agrofloresta.

De acordo com um dos jovens entrevistados, o Coletivo de Juventude “possui ação do plantio da produção que era vendida para auto sustentação e ações voltadas para auxiliar a comunidade” (ENTREVISTADO 3, 2019). Sendo que a produção era comercializada nos mercados locais, e doada para a escola e para atividades que esses jovens participavam. Esse direcionamento, é explícito de forma mais detalhada nas palavras abaixo:

E daí como a gente participava de eventos quanto estado, quanto região, a gente tinha demanda de contribuir com alimento. Então a gente produzia mandioca, a gente produzia feijão. Tinha banana (risos), banana a gente produzia bastante. Na verdade a gente plantou muita banana e daí a gente direcionava talvez quando a gente fosse sair pra uma atividade, e também a gente fornecia pra escola por exemplo quando a gente produzia assim, que a gente conseguia produzir de verdade



(risos), fornecia pra escola além de levar para curso, mandioca né (ENTREVISTADA 1, 2019).

Como é possível observar no relato, e por meio de outros dados obtidos na pesquisa, os produtos também eram utilizados para a alimentação dos jovens em atividades de formação em que participavam, como parte da contribuição do Coletivo, para a auto-sustentação destas atividades.

Outra iniciativa que deriva da experiência de produção e auto sustentação promovida pelo coletivo é a venda de um prato de culinária feito com base na mandioca produzida, que se chama “tapioca primitiva”. Essa tapioca, parte da ideia da alimentação saudável, foi comercializada em atividades festivas do acampamento, na Feira Regional de Agroecologia-FESA, e na 17° e 18° Jornada de Agroecologia. Durante a Jornada de Agroecologia, se somaram à atividade jovens de outros locais já que tratava-se de um evento maior com uma ampla demanda de venda, assim como, também não foi possível utilizar somente a produção local, pois não era suficiente.

A dimensão da auto-sustentação contida nesta experiência foi ressaltada em uma das entrevistas:

A Jornada do ano passado foi bem importante, conseguimos gerar finanças enquanto juventude, na feira que vendemos tapioca, apesar dos pesares, conseguimos comprar vários equipamentos para o Coletivo Estadual e ainda tirar uma ajuda de custo para os que contribuíram (ENTREVISTADO 5, 2019).

Embora o debate necessário sobre auto sustentação na vida dos jovens seja mais amplo, organizando trabalho e renda de uma forma mais estruturante, e a experiência organizativa do Coletivo de Juventude não possui incidência nisto, ainda são válidos os esforços do ponto de vista de propiciar uma autonomia política maior aos jovens. Isso é ressaltado em uma das entrevistas:

Quando precisava de dinheiro, a gente combinava e brigava com a finança (risos). Por causa que tínhamos essa rejeição de, enquanto Coletivo de Juventude, talvez a direção, não enquanto todo, mas talvez algumas pessoas, não aceitem muito que a juventude é um Coletivo! É um Coletivo importante pra luta continua e se manter forte [...] (ENTREVISTADA 1, 2019)



Essas iniciativas, todas citadas das quais foram geradoras de finanças para o Coletivo, constituídas a partir da experiência da agrofloresta, são evidenciadas como mecanismos para o aprendizado de valorizar e administrar recursos financeiros a partir do funcionamento de uma organização política, coletiva e auto-organizada por jovens. Se constituem também, como mencionado na entrevista, como uma forma de enfrentar as interpretações pejorativas realizadas sobre a organização dos jovens na comunidade, que tornam-se empecilhos para a continuidade do Coletivo de Juventude.

Desenvolver a auto-sustentação por meio de iniciativas de produção, também divulga e promove a agroecologia para outros setores da sociedade, como é o caso da discussão da alimentação saudável impressa na venda das tapiocas. Além disso, o fato de ser realizada por jovens, também contribui para disputar as visões sobre juventude, demonstrando que dentro da perspectiva da agroecologia, esses sujeitos são estimulados para o protagonismo.

Um dos aprendizados maiores ressaltados pelos jovens é o de aprender a trabalhar coletivamente. Sobre este aspecto destaca-se uma das falas captadas pela entrevista individual:

Eu acho que elas contribuem por causa que a partir do momento em que você tem uma formação e que você realmente participa e se dedica, você passa a ter uma outra visão. E tendo essa outra visão você passa a ter uma visão de coletivo, do quanto é importante decidir as coisas juntos, você vai deixando um pouco o individual, e aprendendo a conviver, a escutar o outro, e saber que nem sempre você vai tá certa, que você vai ter que escutar o outro, vai ter que chegar num consenso (ENTREVISTADA 2, 2019).

Olhar para o campo de uma perspectiva diferenciada também é um dos aspectos positivos presentes na pesquisa, como revela a fala de uma das entrevistadas, onde a constituição da identidade de jovem camponês, também carrega uma identificação enquanto classe trabalhador:

Eu por exemplo acho que o jovem assim, ele ganha uma visão assim, talvez do mundo, é uma visão mais de gente pobre e tal, a gente consegue ter noção do que a gente realmente é, porque que a gente realmente tá, importante a gente se ver enquanto juventude do campo de verdade. Porque às vezes a gente tá no campo,



mas a gente não quer assumir que a gente é jovem camponês (ENTREVISTADA 1).

Nesta mesma direção, o conhecimento em torno da agroecologia também foi ressaltado como positivo, pois, antes da realização dos processos de formação em agroecologia e do exercício de colocar alguns conhecimentos em prática por meio da construção de uma agrofloresta, a agroecologia era algo distante e pode-se dizer, até desconhecida por parte de todos/as os/as jovens entrevistados/as. Fica perceptível a referência à experiência prática, sempre que questionados durante a pesquisa sobre o conhecimento agroecológico que possuem.

Contraditoriamente a esse aprofundamento de conhecimentos ocorrido, um dos limites que condicionou a expansão da experiência da agrofloresta por meio da atuação dos/as jovens, foi a declaração de que estes acreditam que possuíam pouco conhecimento sobre as técnicas agroecológicas.

Por mais que a agroecologia fosse um tema constantemente abordado em seus processos de formação, percebe-se que em especial a sua prática, suscita um acompanhamento técnico mais próximo e cotidiano. A fala de um dos entrevistados detalha bem uma situação ocorrida em que mesmo tendo oficinas de manejo de agrofloresta, e sendo realizada na oficina a poda da bananeira, no momento em que os jovens foram aplicar os conhecimentos estudados, não fizeram corretamente.

Teve uma vez que nós fizemos a poda errada das bananeiras, e aí, toda produção foi prejudicada. Deu bem menos aquele ano. As pessoas da comunidade ficaram muito bravas, mas a gente não fez por querer, a gente pensou que estávamos fazendo certo, que estávamos fazendo o nosso papel em prol de toda comunidade com aquele serviço, mas fizemos tudo errado (risos) (ENTREVISTADO 4, 2019).

O exemplo detalhado acima, foi um dos temas mais comentados pelos jovens na roda de conversa, pois de acordo com as/os jovens, houveram prejuízos materiais, pela redução da produção de banana, mas também, políticos para a organização do Coletivo de Juventude, já que a comunidade lançou mão de uma avaliação negativa de tal fato. Para as/os jovens, esse foi um dos momentos mais desestimulantes da trajetória do Coletivo.



Os/as jovens explicam que foi necessário conciliar as tarefas da produção com outras responsabilidades, e isso causou em muitos momentos dificuldades diretamente relacionadas ao desenvolvimento da experiência de agroecologia. As tarefas citadas pelos/as jovens que demandam seu tempo e dedicação foram o estudo, as outras tarefas do próprio Coletivo de Juventude, os compromissos na família, a responsabilidade do cadastro, entre outras. Neste sentido, houveram momentos de atrasos nos tempos de realizar a limpeza, o plantio e até mesmo a colheita da produção. Certa vez, toda uma produção de feijão ficou comprometida por não ser colhida na data certa.

Uma percepção recorrente nas diversas ocasiões de coleta de dados, está ilustrada na seguinte fala: “Acredito que acontecia pouco reconhecimento da dedicação ao trabalho e muitas críticas por parte de alguns integrantes do acampamento, que em alguns momentos desmotivam o Coletivo” (ENTREVISTADO 5). Sobre isso, as/os jovens podem não ter sido compreendidas/os pela comunidade em relação a esse conjunto de especificidades e aos aspectos positivos da experiência, expresso pelas constantes críticas desmotivadoras que sofriam.

Torna-se evidente a demanda de um acompanhamento mais próximo que dê suporte, mas que respeite a autonomia dos mesmos, acreditando em seu potencial e tendo em vista o conjunto de ações construídas que contribuem significativamente para o território que estão inseridos e para a formação política da juventude.

Os autores Mello, Finatto, Eduardo (2021) investigam o Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, demonstrando que o desenvolvimento das práticas agroecológicas ocorre em meio a uma conjuntura hostil com muitos processos diferentes em um curto período, dado às demandas de se manter uma ocupação de terra e as situações específicas de um acampamento, sendo assim, ressalta-se os impactos das sucessivas mudanças no arranjo territorial do acampamento. Esse processo reverbera em dificuldades organizativas e produtivas para os sujeitos envolvidos no processo de agroecologia. Neste sentido, a experiência da agrofloresta teve uma curta duração de tempo, correspondente ao mesmo tempo de existência do Coletivo de Juventude, ambos condicionados ao deslocamento



territorial das famílias acampadas para outros pontos de ocupação, que conseqüentemente desarticulou também a continuidade das atividades de formação.

Considerações Finais

A participação dos/as jovens em um processo constante de estudo e prática relacionado à agroecologia, por meio de espaços intencionais constituídos pelo MST, e, espaços auto-organizados a partir de suas demandas, fomentou o desenvolvimento da autonomia e capacidade organizativa, que em diversos momentos, os responsabilizava pelo seu próprio processo de formação.

Com a experiência relatada é possível perceber que se abrem possibilidades, de um potencial de participação marcado pelas especificidades das vivências desse tempo, que é a juventude, e que pode e deve ser voltado para a construção da agroecologia. Mas, esse potencial só pode ser revelado desde que seja reconhecida sua existência, mas, acima de tudo, desenvolvido métodos de trabalho adequados com esse público, que consigam interpretar as especificidades da inserção do/a jovem nos processos.

Desde a condição de acampados da reforma agrária, a partir das necessidades suscitadas nesse espaço, associado ao debate e a formação política entorno da agroecologia, os/as jovens criaram por meio da auto-organização possibilidades de avançar sobre o papel do jovem na luta pela terra e pela participação na construção de outra forma de organização social nos espaços conquistados.

Referências bibliográficas

BIEGER, Tamires Elisa. *et al.* Juventude e Agroecologia: Reflexões e contribuições da produção científica. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, São Cristóvão, v. 15, n°2, 2020.

CALDART, Roseli Salette. Desafios do vínculo entre trabalho e educação na luta e construção da Reforma Agrária Popular. In: Caldart, R. S., Stedile, M. E. e Daros, D.(org.) **Caminhos para transformação da escola 2: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.



_____. Educação e agroecologia: encontros necessários. **Texto da Exposição realizada no 3º Seminário de Agroecologia e 2º Seminário de EdoC do IFPE** – (forma virtual). Mesa “Educação do Campo: desafios e perspectivas”, compartilhada com Rubneuzza Leandro de Souza, MST e André Luís Gonçalves Pereira, IFPE na noite de 9 de setembro 2020

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y juventud**, v.7, no 1, enero/junio, 2009.

CEZIMBRA, Elemar do Nascimento. et al. Jovens, luta pela terra, e permanência no campo. In: **Anais do I Seminário Internacional de pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável e IV jornada questão agrária e desenvolvimento**. Marechal Cândido Rondon/PR, 2017. p. 01-20.

COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. Desafios de formação da Juventude. In: **1º Cartilha de formação da Juventude Sem Terra**. Coletivo Nacional de Juventude do MST, 2016.

GUHUR, Dominique Michele Perieto. TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: CALDART, Roseli. Saleti.; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GROPPO, Luís Antonio. A juventude como categoria social. In: **Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. **Juventude na construção da agricultura do futuro** (Editora convidada). Revista agriculturas, v. 8, n. 1, p. 4-7, mar. 2011

MELLO, Juliana Cristina de; FINATTO, Roberto Antônio; EDUARDO, Márcio Freitas. Reforma agrária e Agroecologia: reflexões a partir das experiências do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio - Paraná. **Revista NERA**, v. 24, n. 57, p. 255-282, Dossiê I ELAMSS, 2021.v.



Anexos

Imagem 1- Plantio de feijão



Fonte: Comunicação MST (2015)

Imagem 2- Manejo das bananeiras



Fonte: Comunicação MST (2016)